



Covas, ressentido com os que queriam a aliança com Lula ainda no primeiro turno.

## Magoado com alguns tucanos, Covas explode.

531

O ressentimento acumulado nos últimos meses de campanha pelo senador Mário Covas em relação aos deputados do PSDB, que defendiam ainda no primeiro turno o apoio dos tucanos ao candidato do PT, Luís Inácio Lula da Silva, não resistiu aos discursos inflamados da reunião da comissão executiva nacional do partido, na terça-feira. Depois de ouvir em silêncio durante quase seis horas todos os prós e contras ao apoio dos tucanos a Lula no segundo turno, Covas não conteve no discurso de encerramento uma explosão de rancor.

— Tenho certeza que se tivéssemos outro candidato, que conseguísse convencer vocês de que a candidatura era viável, o resultado da eleição teria sido outro — bradou.

— Não apoiado — gritaram os membros da executiva e outros deputados.

— Tenho certeza que, se este candidato não tivesse um discurso

ambíguo, teríamos melhor resultado — insistiu Covas.

— Não apoiado — exaltou novamente a platéia contrariada.

As palavras cheias de mágoa do candidato logo foram entendidas pelo deputado mineiro Célio de Castro que, além de criticar há dois meses o discurso de campanha do senador, participou ativamente de articulações do antigo MUP — Movimento de Unidade Progressista do PMDB. O grupo — formado por 20 deputados, que hoje estão no PSDB — foi o mais esforçado na reunião da executiva na defesa do engajamento total dos tucanos na campanha de Lula para o segundo turno. “Não há diferenças entre os programas da Frente Brasil Popular e da social-democracia”, argumentou Célio. “No máximo precisam ser feitos pequenos ajustes que não impedem a participação efetiva na campanha para eleger um candidato progressista.”

Para este grupo mais à es-

querda do PSDB, não basta um discurso anti-Collor para sinalizar o eleitorado. “Precisa haver uma consequência prática”, ressaltou o deputado mineiro. Se a decisão do diretório nacional do partido, que se reúne sábado pela manhã, for pela neutralidade ou “independência”, os ex-integrantes do MUP pretendem trabalhar assim mesmo, e intensamente, pela candidatura de Lula. “Se deixarem em aberto, nos engajaremos na campanha com todas as consequências políticas deste ato para salvar o partido”, reforçou Célio de Castro.

Foi com certo alívio que a executiva nacional encerrou a reunião de terça-feira com uma solução que poderá assegurar a unidade do partido. A maioria dos membros da executiva saiu convencida de que dificilmente o PT aceitará modificar o programa de governo para uma aliança. Quando os deputados mais à esquerda insistiram no apoio imediato e integral à campanha de Lula, o deputado Euclides Scalco colocou a questão: “Mas qual é a proposta do PT?” Um dos deputados reagiu dizendo que a única pessoa contra esse apoio era o governador do Ceará, Tasso Jereissati, que nem pertence ao partido.

O senador José Richa, coordenador da campanha de Covas, não conteve sua irritação. “Mas ele fez campanha”, afirmou, indignado, cobrando os deputados que não se empenharam para eleger Covas.